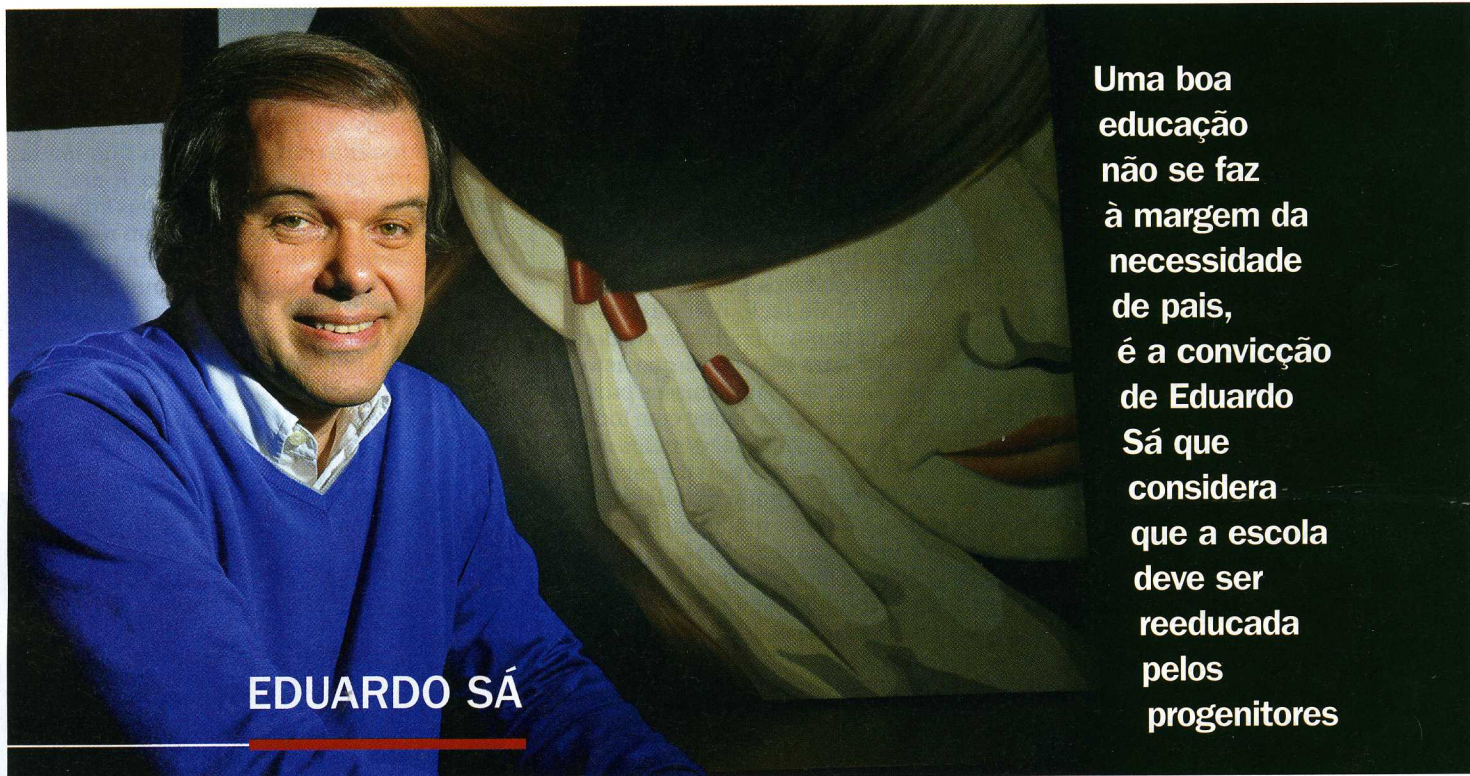


“As crianças estão à beira da **extinção**”



EDUARDO SÁ

Uma boa educação não se faz à margem da necessidade de pais, é a convicção de Eduardo Sá que considera que a escola deve ser reeducada pelos progenitores

FÓRMULA PARA A EDUCAÇÃO

Mais colo, mais autonomia e autoridade quanto bastar são a chave para uma boa educação, segundo Eduardo Sá

■ **Eduardo Sá.** Numa altura em que as crianças são cada vez mais o centro da vida dos adultos, ainda é preciso investir muito em melhores adultos. O psicólogo clínico considera que precisamos de reavaliar papéis.

Focus – Costuma afirmar que a infância está a desaparecer. O que quer dizer com esta afirmação?

Eduardo Sá – Acho que os pais e os educadores em geral dão-lhe a importância que ela tem mas, por outro lado, não cuidam dela. Essa é uma dimensão que me preocupa porque cada vez mais cedo as crianças estão a passar por um conjunto de situações que não são muito razoáveis, atendendo às condições que temos. Há uma ou duas gerações, as crianças cresciam muito rapidamente porque precisa-

vam de trabalhar aos nove anos e de um momento para o outro passavam para a vida adulta e hoje, sem que tenham os constrangimentos que nós tínhamos, estamos obrigados a um crescimento que nem sequer é acelerado, é batoteiro. Com o pressuposto de que hoje o mais importante de tudo é a escola, o mais importante de tudo é o trabalho e está à frente de tudo o resto na vida das crianças. Aquilo que eu queria que os pais percebessem é que estão enganados. Cada vez mais as crianças não são crianças. As crianças têm hoje uma relação com o brincar que é cada vez mais uma relação de fim-de-semana e brincar é uma actividade demasiado séria para que seja apenas feita ao fim-de-semana. Passam cada vez mais horas na escola o que não é adequado.. Aquilo que me preocupa é que ▶



PERFIL

EDUARDO SÁ
48 ANOS

- Nasceu em Leiria
- Eduardo Sá é psicólogo clínico, psicanalista e professor de Psicologia Clínica na Universidade de Coimbra e no Instituto Superior de Psicologia Aplicada, em Lisboa.
- Director da Clínica Bebés & Crescidos.
- É autor de vários livros como *Manual de Instruções para uma Família Feliz*, *Más Maneiras de Sermos Bons Pais*, *A Vida Não Se Aprende nos Livros*, *Tudo o que o Amor Não É*, *Chega-te a Mim* e *Deixa-te Estar e Crianças para Sempre*

► mais escolas, sobretudo da forma como ela está a ser vivida, signifique menos infância e quanto menos infância mais nos arrancamos a construir pessoas magoadas com a vida. Quanto mais longa e mais rica for a infância mais saudável será a adultez.

Focus – Concorda então que, tal como Freud disse, adultos infelizes foram crianças infelizes?

E.S. – Exactamente. A vida é uma espécie de contracorrente e quanto mais vão capitalizando episódios bons mais acabamos por fazer com que os próximos o sejam e por acreditar num bom futuro. Quando estamos de bem com a vida o melhor é sempre o futuro. Quanto mais investirmos na qualidade na infância mais tenderemos a invocar recursos que são importantíssimos para toda a vida.

Focus – O que mudou na forma de encarar a infância nas últimas décadas em Portugal?

E.S. – Por incrível que pareça mudaram os pais. Os pais são hoje muito melhores pais do que os respectivos avós. Não há os constrangimentos sociais nem políticos e económicos que os avós tiveram. Há de facto melhores pais, mas que ainda têm muita dificuldade em decidir a melhor forma para educar porque às vezes os próprios põem os compromissos profissionais à frente de tudo e não lutam com toda a determinação como deviam fazer pelos seus compromissos pessoais. Estes pais perceberam que a escola é de facto aquilo que distingue uma boa educação e que é uma rampa de lançamento para uma vida mais feliz. Mas uma boa educação não se faz à margem da necessidade de pais. Estes pais estão a minimizar o seu próprio papel. Uma boa educação faz-se com uma escola mais atenta e que cada vez mais aprende a diversificar-se face ao conhecimento. Mas o que eu gostava era que os pais percebessem que há duas peças. As primeira é que as crianças são mais amigas do conhecimento quando os pais são mais atentos e presentes na vida delas. E em segundo lugar, os pais estão muito enganados ao pensar que mais escola significa mais educação. Mais escola às vezes significa melhor educação, mas temos de medir as várias nuances para que com melhores pais e melhor educação as crianças possam ser mais felizes. Há melhores pais, mas estes às vezes têm uma relação com a autoridade que me inquieta. Existe um lado bondoso da vida que devem ter, mas devem perceber que os pais são a autoridade reguladora da escola e esta é melhor quando se percebe que além de todas as horas que eles já lá estão não é bom empanturrá-los com trabalhos de casa depois de um dia de escola. Quando todos nos regularmos uns aos outros e nos educarmos uns aos outros, claro que o desenvolvimento vai ser melhor. Felizmente democratizámos a educação, mas é muito importante que possamos reflectir nisso. Ainda andamos todos nu-

ma vertente muito tecnocrática e isso é que preocupa, por isso digo que as crianças estão à beira da extinção. Neste momento, a infância começa a ser perigosamente escola e de repente há toda uma vertente tecnocrática como se o que estivesse em primeiro lugar fosse toda a formação e depois viver a vida. Isto é absurdo.

Focus – Nesta sequência os pais depositam o papel de educadores nos professores?

E.S. – Acho que os pais não depositam esse papel nos professores. Mas é importante que os professores não percam de vista que são de facto educadores. Se os professores assumirem isso com clareza não vejo que venha daí mal. Por outro lado o que me preocupa é que eu acho que os pais estão a dar aos professores o papel que eu acho que eles devem ter. Sinceramente acho que não reivindicam o papel que inevitavelmente têm, o que me faz pensar que está tudo baralhado. É mais importante as crianças saberem duas coisas: as pessoas mais velhas devem ser um reservatório de sabedoria e devem ser quem protagoniza o exercício da justiça. O que me preocupa é que estamos a ser demagógicos na importância que damos às crianças. Mais importância às crianças significa mais e melhores adultos. Eu fico com a ideia de que os adultos se limitem no exercício educativo como se no fundo



"À priori a pluralidade educativa será mais clara quando é com um homem e uma mulher mas nem tudo o que é diferente acaba por ser assim"

fossem melhores pessoas num registo de Portugal dos pequeninos, uma espécie de democracia do proletariado onde todos nos balizamos segundo os interesses das crianças mas não por aquilo que em convicção achamos certo. Os pais aqui estão a diminuir-se e a minimizar a sua importância. Os pais são os manuais mais importantes para as crianças e se os pais não perceberem isso estão a dar à escola a importância que ela não deve ter.

Focus – Com a legalização do casamento homossexual, as adoções podem ser o próximo passo. Considera saudável à criança?

E.S. – O que eu acho é que é obrigação do Estado definir regras e levá-las em frente. Se olharmos para as famílias tradicionais, e por mais que houvesse uma mãe e um pai, em muitas situações não espelha um pai e uma mãe em exercício de parentalidade. Às vezes as avós ou empregadas é que faziam esse papel. Muitos de nós crescemos com uma mãe, uma avó e tantas pessoas diferentes que construíram a nossa personalidade. Se me perguntar assim, será a pluralidade dos gestos educativos uma base de crescimento? À priori essa pluralidade será mais clara quando é com um homem e uma mulher? À priori é, mas nem tudo o que é macroscopicamente diferente depois acaba por ser assim. Aquilo que eu acho é

que quando se trata de avaliar as adoções não se deve avaliar a opção sexual, mas as competências parentais, porque independentemente da sexualidade, se houver competências acho que não há qualquer problema.

Focus – Existe capacidade para avaliar caso a caso?

E.S. – Penso que tudo o que tem a ver com as crianças, a segurança social com as crianças e a justiça com as crianças tem de ser profundamente repensado, porque a justiça é um bem precioso mas a justiça relacionada com as crianças precisa de ser profundamente reflectida. Tenho medo que às vezes as pessoas possam entrar perigosamente com questões ideológicas onde devia haver apenas um sentido restrito. As questões ideológicas tanto podem banalizar as injustiças como podem restringir a justiça. Por isso tenho medo que num primeiro momento se seja pró ou contra com base em questões de natureza ideológica. Em 30 anos de democracia mudou-se muito em Portugal, as famílias mudaram muito e os tribunais e escolas têm feito um esforço para se adaptar, mas as crianças de hoje são tão diferentes de as de há 30 anos que a justiça e a escola têm tido muita dificuldade em acompanhar a evolução. Ainda vai haver alguns choques, mas nestes 30 anos a sensatez tem feito regra. As crianças filhas de pais divorciados eram estigmatizadas e hoje já não são. O Mundo hoje está mais plural e democrático.

Focus – Qual a fórmula para educar uma criança?

E.S. – Existem três aspectos que conjugados são a fórmula. Em primeiro lugar as crianças têm de ter mais colo. Mais colo dá-nos vida, permite-nos separar aquilo que é essencial daquilo que é supérfluo e permite-nos crescer. Pessoas que têm pouco colo são pessoas deprimidas. Em segundo, autoridade quanto baste. Os mestres são as pessoas mais crescidas porque são mais sábias. É importante que as pessoas mais velhas chamem para eles próprios o sentido de justiça que com um quanto baste de autoridade estão a ser melhores pais. Pais bonzinhos são realmente muito piores pais. Um pai que não sabe dizer que não é um pai perigoso. Um pai que diz que não consoante as suas convicções pode enganar-se mas é à custa desses enganos que se cresce. E por fim, o mais possível de autonomia. As crianças precisam. Preocupa-me porque as crianças hoje estudam com os pais, os pais estudam pelas crianças que é absurdo. Os pais são uma redoma que abre a porta e lhes leva a mochila, isto não é respeitar as crianças. As crianças têm umas óptimas mãos para fazer isso, para pôr a mesa se for essa a regra lá em casa, óptimas para arrumar o quarto e fazer o que os outros fazem. Quando a lei é igual para todos o mundo é muito mais justo. ■

ANA NUNES (TEXTO) E NUNO MOREIRA (FOTOS)



A NECESSIDADE DE DIZER NÃO
Para Eduardo Sá um pai que não sabe dizer não é "um pai perigoso" e os "pais bonzinhos são piores pais"